

DISCURSO DE RECEPÇÃO
DE NOVOS MEMBROS DA
ACADEMIA MAÇÔNICA SERGIPANA DE
ARTES, CIÊNCIAS E LETRAS

Copyright©2017 by Cleiber Vieira Silva

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Diagramação: Sérgio Luiz

Revisão: João Lover

Design de capa: Sérgio Luiz

Fotos: Sérgio Silva

Impressão: Gráfica Editora J. Andrade

FICHA CATALOGRÁFICA

S586d Silva, Cleiber Vieira
Discurso de recepção de novos membros da Academia Maçônica
Sergipana de Artes, Ciências e Letras/Cleiber Vieira Silva. GOESE
Grande Oriente do Estado de Sergipe. – Aracaju:J. Andrade, 2017.

40p. il. p&b, 21 cm.

1. Discurso 2. Academia Maçônica 3. Artes, Ciências e Letras
I. Título II. Cleiber Vieira Silva III. Assunto

CDU 808.51(813.7)

Catálogo – Claudia Stocker – CRB 5/1202

CLEIBER VIEIRA SILVA

DISCURSO DE RECEPÇÃO
DE NOVOS MEMBROS DA
ACADEMIA MAÇÔNICA SERGIPANA DE
ARTES, CIÊNCIAS E LETRAS

GOESE
Grande Oriente do Estado de Sergipe





O saudador é economista, jornalista,
poeta e escritor;

Membro do MAC – Movimento de
Apoio Cultural Antonio Garcia Filho –
Academia Sergipana de Letras (ASL)
–, ocupante da cadeira nº 14, cujo
patrono é Zózimo Lima;

Membro da Academia de Letras de
Aracaju (ALA), ocupante da
cadeira nº 07, cujo patrono é
Luiz Antônio Barreto;

Membro da Academia Maçônica
Sergipana de Artes, Ciências e Letras,
ocupante da cadeira nº 29,
cujo patrono é
Marcos Ferreira de Jesus;

Mestre Maçom; membro do
Instituto Histórico e Geográfico de
Sergipe – IHGSE
e da Comunhão Esotérica do
Pensamento.

Excelentíssimo senhor presidente da
Academia Maçônica Sergipana de
Artes, Ciências e Letras,
Dr. Domingos Ferreira Viana;

Excelentíssimo senhor vice-presidente,
professor Antônio Fontes Freitas;

Excelentíssimo senhor secretário, Dr.
José Garcez de Góes;

Excelentíssimo senhor tesoureiro,
Dr. José Lauro de Oliveira Filho;
Estimados confrades;
Novéis acadêmicos;
Senhoras, senhores.

Nesta noite, guardando um paralelo do aprendizado diário em Loja Maçônica, buscamos a justiça e a perfeição no lapidar literário, artístico ou científico de homens tenazes como acadêmicos, que têm por objetivo tornar feliz a humanidade pelo amor ao saber e aperfeiçoamento dos costumes culturais (*iustum et tenacem propositi virum* – homem justo e tenaz em seus propósitos). Essa expressão é frequentemente citada para indicar caráter firme e decidido. É o que buscamos.



Pois bem, coube a mim, mais uma vez, ser o saudador dos novéis e ilustres Irmãos: Luiz Eduardo Costa, que ocupará a cadeira nº 28, cujo patrono é Manoel Pereira Guimarães; Manoel Moacir Costa Macêdo, que ocupará a cadeira nº 30, cujo patrono é Osório Dias Ribeiro; e Natanael Fernandes de Souza, que ocupará a cadeira nº 31, que tem por patrono Sávio D'Oliveira.



Esses novos acadêmicos – confrades – exercitarão conosco o conhecimento e as intelectualidades mundana e maçônica cientes, penso eu, de que tal exercício gera poder. E esse poder só será nobre se não nos conduzir ao orgulho, ao egoísmo e à vaidade exagerados. O egoísmo, por menor que seja, torna difícil o desempenho das forças espirituais. O poder, se levar ao orgulho, tornar-se-á insolente e transformar-se-á em tirania. O orgulho, na tradição religiosa, é o primeiro pecado; a vaidade, um princípio de corrupção, afirma Machado de Assis. A vaidade é própria dos vis. O orgulho é próprio dos grandes, garante George Gordon: o Lord Byron. E todos nós, em algum momento, o praticamos, pela nossa fama, pelas nossas famílias e, principalmente, pelos nossos

nomes. Como é difícil evitar esses pecados. Às vezes, até mesmo a nossa dor, como toda dor, tem algo de narcísico. Há orgulho na maioria das virtudes. O orgulho é o pecado-pai de todos os outros. A vaidade orgulhosa paira sobre todos nós. E buscar a virtude não é fácil. A virtude pode demonstrar ressentimento: está lá em Lucas na parábola do filho pródigo, quando todo o bem praticado pelo irmão mais velho transmuta-se em inveja com a chegada do irmão.



O pior é que não tem jeito: se alguém disser que está feliz por não ser orgulhoso, está falando do seu orgulho de ser humilde.



Bem, aqui estamos fazendo uso da palavra que, ao ser lançada (voa irrevogável), é como abelha: tem mel e tem ferrão. Nesta noite, ela será doce, colocada no lugar certo. Se estiver posta fora

do lugar – como dizia Voltaire –, estraga o pensamento mais bonito. Essa forma de expressão implica o uso da voz, que (límpida, grave, trêmula ou firme) abre ou fecha portas. Graças à voz, colocamos em marcha as engrenagens do mundo, regido pela razão ou não, fazendo-nos cair nas redes do obscurantismo ou do progresso material, intelectual e/ou espiritual.



Enquanto lá fora usam a palavra como arma para fazer girar a roda da barbárie que apregoa a sociedade e estabelece a lei do fratricídio e da guerra, com o homem colocando cada vez mais a racionalidade a serviço da morte, nós a usamos como arte e como ciência. Como ciência para exprimir o pensamento com fidelidade; como arte, revestindo as ideias dos relevos, das graças e das formas necessárias para fascinar o espírito.

As armas da revolução

positiva não são as balas nem as bombas, e sim as meras percepções humanas. As balas e as bombas podem oferecer poder físico, mas, no fim, só funcionam se mudarem as percepções e os valores. Por que não escolher o caminho mais curto e trabalhar diretamente com as percepções e os valores. (Edward de Bono)



Façamos isso: trabalhemos com atos e valia notadamente culturais. É o que nos diz Edward de Bono em seu *Manual da revolução positiva*, citado acima.

Tudo o que está sendo dito agora é o retrato do que pensamos sobre os senhores ao preparar este panegírico buscando reforço no que disse Molière em *O matrimônio forçado*: “A palavra foi dada ao homem para explicar seus pensamentos. E assim como os pensamentos são retratos das coisas, da mesma forma as nossas

palavras são retratos de nossos pensamentos.”



Começo, então, as apresentações pelo ocupante da cadeira nº 28: Luiz Eduardo Costa, jornalista e professor. O novel acadêmico nasceu em 10 de novembro de 1940, em Maruim, Sergipe. Filho do também jornalista Paulo Costa e de Ana de Oliveira Costa, foi profissional do magistério, ainda atua como jornalista e empresário e é servidor público aposentado. Exerceu diversos cargos públicos, começou como funcionário do Departamento de Portos e Vias Navegáveis – DNPVN (nos anos 1959-1960); foi coordenador do Curso de Alfabetização Método Paulo Freire (1963-1964); professor de História do Brasil da Escola Técnica de Comércio Conselheiro Orlando (1963-1964); assessor de comunicação





do Conselho de Desenvolvimento de Sergipe - CONDESE (1967-1972); diretor da Rádio Difusora de Sergipe (1972); presidente do Aeroclube de Sergipe por duas vezes (1970-1974) e (1980-1984); assessor de comunicação no governo Paulo Barreto (1972-1974); assessor de comunicação da Federação das Indústrias de Sergipe - FIES (1974-1976); assessor de comunicação da Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, quando o deputado Djenal Tavares de Queiroz era o presidente (1976-1978); presidente da ENSETUR, no governo Valadares (1987-1989); secretário de comunicação no governo Valadares (1989-1990); presidente da EMSETUR no governo Albano Franco (1997-1998); secretário de planejamento do município de Poço Redondo na administração de Frei Enoque Salvador de Melo (2000-2002); integrante e presidente do Conselho do Meio Ambiente do município de Canin-

dé do São Francisco na administração Orlando Andrade (2005-2006); presidente da Fundação Dom José Brandão de Castro, com sede em Poço Redondo (2007-2010); ouvidor-geral do estado, no governo Marcelo Déda e Jackson Barreto (2007-2014); e atual assessor para Assuntos do Semiárido, do governo Jackson Barreto.



Na área privada, atuou como diretor ou editor dos jornais: Sergipe Jornal (1959-1962); Diário de Aracaju (1965-1975); e Jornal da Cidade (1978-2004). Fundador e editor do Semanário “O Quê” (1984-2000); diretor e proprietário da Rádio XINGÓ – FM e colunista dominical do Jornal do Dia.

Teve participação em diversas publicações em Sergipe e fora do estado, entre elas, o *Diário de Pernambuco*, *Revista de Bordo da VASP* e *Diário da Bahia*.

Na área cultural, atuou como subsecretário de Cultura do Estado



de Sergipe no governo Augusto Franco; membro e presidente do Conselho de Cultura do Estado de Sergipe (1973-1983). Pertence à Academia Sergipana de Letras – ASL desde 2004. Foi agraciado com as Medalhas do Mérito Cultural do Estado de Sergipe e da Prefeitura de Aracaju. Tem trabalhos publicados em suplementos culturais, em jornais e revistas e é um dos autores do livro biográfico *Lourival Baptista – pacificação e Desenvolvimento*; no prelo, encontra-se o seu livro *O crime da Rua Campos*. Foi membro e presidente da Aliança Francesa de Sergipe; criador e mantenedor do Instituto Vida Ativa, com sede em Canindé do São Francisco, com atuação na área ambiental. São essas as referências e demais destaques do candidato Luiz Eduardo Costa.



Manoel Moacir Costa Macêdo é natural de Rio Real, Bahia, filho de pai sertanejo (do município de Itapicuru, também Bahia) e de Maria Alves Costa Macêdo (sergipana da cidade de Itabaianinha).



Em Rio Real/SE, Manoel Moacir Costa Macêdo foi coroinha e membro da *Ala Juvenil* da Igreja Nossa Senhora do Livramento. Estudou o primário na Escola Marquês de Abrantes; e o ginásio, na Campanha Nacional de Educandários da Comunidade – CNEC. Coursou o científico no Colégio Estadual Severino Vieira, em Salvador. Formado, publicou dezenas de trabalhos técnico-científicos e de divulgação em jornais, congressos, seminários e outros periódicos... Como mestre e doutor, orienta produtores de teses de doutorado em várias universidades brasileiras. Ministra palestras e seminários no Brasil e exterior. Dirige organizações de ciência, tecnologia e desenvolvi-



mento em vários estados da federação. Coordenou o programa de desenvolvimento sustentável entre o governo brasileiro e a Organização das Nações Unidas – ONU. Desenvolveu assessoria junto ao Senado Federal; foi diretor superintendente do Fundo de Pensão dos Empregados da Embrapa, da Emater/MG e de outros. Participou de viagens de estudo pelo Brasil, América Latina, Estados Unidos e Europa e de grupos de trabalho sobre cooperação internacional com o BID, BIRD e Banco Mundial, dentre outros.

Como os senhores percebem, é também vasto o *curriculum* do Dr. Manoel Moacir Costa Macêdo, um palestrante de escol e luminar da administração, da advocacia, da consultoria e da pesquisa, com vários prêmios na área financeira e com *menção honrosa*. É profissional atuante na área da educação e grande conhecedor da ciência de Hans Kelsen, de Augusto Comte e de Émile

Durkheim. Tem treze livros publicados: poesias, crônicas, e obras de cunho político-administrativo, sociológico, jurídico e metodológico-científico. Essas são as principais informações do candidato Manoel Moacir Costa Macêdo.



Natanael Fernandes de Souza é natural de Salvador, Bahia. Filho de Natanael Fernandes da Silva e de Basília de Sousa Silva. Terminou o primário em Pojuca, Bahia, e o segundo grau no Ginásio Estadual Luiz Pinto de Carvalho, na capital baiana, onde também concluiu o científico. Depois iniciou o curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia e formou-se em 1973. Em 1976, concluiu engenharia de petróleo, pelo Centro de Ensino do Nordeste, órgão conveniado com o Ministério da Educação.



A ânsia de saber era tanta que foi estudar direito, graduou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Sergipe, em 1987. Trabalhou nas áreas terrestres e marítimas de extração de petróleo. Respondeu pelo planejamento, análise, testes, aquisição de materiais e equipamentos de completação de peças e de sondas de produção da Petrobras, em Sergipe e Alagoas. Foi chefe do setor de componentes de completação e de operações terrestres, gerente e supervisor de todas as operações com sondas de produção terrestre nos estados de Sergipe e Alagoas. Foi chefe do setor de produção de gás; gerente e supervisor de planejamento, análise, testes, controle e fornecimento de gás produzido pelos poços da bacia de Sergipe/Alagoas. Chefiou e gerenciou diversas outras áreas da Petrobras. Aposentou-se em junho de 2001.

Trabalhou no setor administrativo da Mesbla S.A., em Salvador, Bahia. Foi engenheiro da *Construtora José Lessa Ribeiro*, em Salvador, Bahia, e também atuou como engenheiro da Associação de Poupança e Empréstimos da Bahia, antes de exercer cargo na Petrobras.



Após a aposentadoria, atuou na área de produção de petróleo nas Bacias de Campos, Sergipe, Alagoas, Santos e Simões (Urucu), como consultor independente. Esses são os dados principais de Natanael Fernandes de Souza, o terceiro pretendente a uma cadeira neste excelso colegiado. cujo *curriculum* é não menos vasto.



Senhores, falando agora em linguagem maçônica, esotérica, revelo que o primeiro candidato: Luiz Eduardo Costa, que toma

posse da cadeira nº 28 ficará sob a égide visível do número 1, que tem por correspondente a letra hebraica *Aleph*, letra inicial do primeiro nome de Deus: Elohim, primeiro, último e único; primeira letra do fogo primordial, que dá princípio ou energia a tudo – está sob o símbolo geométrico do ponto e representa a força e o intelecto, cujo objetivo maior é a busca. Então, confrade, venha e encontre o que o seu subconsciente quer e procura.



O segundo candidato: Manoel Moacir Costa Macêdo, que toma posse da cadeira nº 30, ficará sob a proteção visível do número 3, que tem por correspondente a letra hebraica *Gimmel*, uma onda quebrando no mundo, uma onda rolando na eternidade, operando na transmigração das almas (é a metempsicose em ação) e está sob o símbolo geométrico do triângulo, representa expressão e criação, é a enunciação do pensamento por gestos ou

palavras escritas ou faladas. Daí por que fizemos referência à palavra – palavra e voz. Venha, enuncie o seu verbo.

O terceiro candidato: Natanael Fernandes de Souza, que toma posse da cadeira nº 31, ficará sob a proteção visível do número 4, que tem por correspondente a letra hebraica *Dalet*, uma porta sintetizando 4 outras, que poucos terão coragem de abrir, pelo medo do desconhecido – o que deve ser feito sempre em segredo –, mas se deve entender que só é útil o conhecimento que nos faz melhores. Aqui, a caridade desponta. Esse número está sob o símbolo geométrico do quadrado, representa vitalidade e organização.



Números, letras, figuras e gráficos geométricos invadem este momento, único em nossas



vidas. E o véu do mistério cai sobre nós e nos ultrapassa. Tudo quanto vemos, ouvimos, falamos e fazemos todos os dias é o que mais mistério encerra. Tudo está cercado de teses, hipóteses, axiomas e princípios formadores da vida social de todos nós. E aqui podemos abrir uma porta para a linguagem matemática, reveladora de, pelo menos, uma relação trigonométrica e de uma função quadrática $f(x) = ax^2 + bx + c$, pois temos o **1**, o **3** e o **4**. Sendo **a** maior que **0** ($a > 0$), caso presente, em que a parábola está voltada para cima. Do contrário, ficará voltada para baixo. Isso serve para mostrar que por trás do discurso principal existem outros. A linguagem, senhores, é um jogo conjunto de quem fala e de quem ouve, para facilitar a comunicação visível e invisível, sensível ou insensível.

O que queremos dizer com isso? Que comportamento e ciência (exata), se vistos com um

olhar mais apurado, nunca são dissociados de outros discursos. Tudo depende apenas do olhar do observador, do seu conhecimento e de sua atenção ao que está oculto. E esse conhecimento só nos será útil se nos proporcionar poder no intuito do bem. Todo poder, se for usado para o mal, torna o homem que assim age cruel. O muito saber é coisa perigosa para quem não sabe segurar a língua. Todos querem saber, mas ninguém quer pagar o preço.



Os senhores estão aqui, em primeiro lugar, por vontade própria, por interesse próprio. E, depois, por terem seus nomes aprovados por uma comissão julgadora dos méritos de cada um. Houve, portanto, a princípio, o interesse de cada um de vocês, ou seja, aquilo em virtude de que a razão se faz prática, tornando-se causa determinante da vontade, dando-nos a impressão de que a razão definiu a ação, tornando-a alicerce suficiente para definir

essa vontade. Isso revela os fundamentos básicos dos costumes (principais moderadores dos atos humanos) no entendimento kantiano, segundo o qual, a boa vontade em se apresentar fundamenta o valor (moral) da ação.



Tiveram os senhores a liberdade de escolher, ou não, entrar para o nosso Sodalício, pois é ela – a liberdade – uma das chaves de todo o sistema filosófico e/ou maçônico. Aqui, temos, queiramos ou não, uma extensão da Maçonaria quanto à busca e à aplicação do saber filosófico-maçônico, não apenas literário, científico, artístico no sentido mundano. O sistema, aqui, é um princípio uniforme de conceitos sobre várias teorias a respeito da literatura (não só maçônica, também de artes e ciências). Foi essa liberdade de decidir, numa prova a La Kant, que convenceu os senhores. Se foi consciente ou

não, não nos cabe julgar. O certo é que todo acontecimento tem uma causa prévia. Bem-vindos!

Sejamos mais humildes e menos vaidosos. Sejamos tolerantes para que juntos possamos vencer as provas do destino (oculto). A força não é nada sem a humildade. O homem perfeito ignora o eu, traz o ego em rédea curta. Se a busca pela perfeição é utopia, sejamos utópicos.



A literatura, por exemplo, é quimera. Thomas Morus e tantos outros ensaístas, poetas, romancistas sonharam tanto. Sonhemos também. Estaremos em boas companhias. Se até a vida é considerada um sonho por grandes pensadores, sonhemos outros sonhos. Disse Ernest Renan: “Os nossos sonhos são o melhor e a mais doce parte da nossa vida. Nesses instantes, é que mais somos nós mesmos.”

Mais uma vez, repito: bem-vindos!

Obrigado!

Relação dos Empossados:

Luiz Eduardo Costa

Manoel Moacir Costa Macêdo

Natanael Fernandes de Souza

Relação dos atuais acadêmicos:

Alexandre de Albuquerque Franco

Antônio Fontes Freitas

Breno Melo de Aguiar

Carlos Alberto de Oliveira

Carlos Augusto Bittencourt de Oliveira

Cleiber Vieira Silva

Domingos Ferreira Viana

Domingos Pascoal de Melo

Flávio Protázio Vasconcelos

Francisco Bezerra de Lima

Ibrahim Salim

Jason Ulisses de Melo

Jilvan Pinto Monteiro

José Anderson do Nascimento

José Augusto Machado

José Francisco da Rocha

José Garcez Goes

José Geraldo Dantas Bezerra

José Lauro de Oliveira Filho

José Sérgio de Aguiar Rocha

Juvenal Francisco da Rocha Neto

Luiz Eduardo Costa
Manoel Moacir Costa Macêdo
Marcel Faria Lima
Menilson Menezes
Minervino Dória Almeida
Natanael Fernandes de Souza
Osvaldo Novaes
Valdir Feitosa Nunes
Valtênio Paes de Oliveira

ANEXO



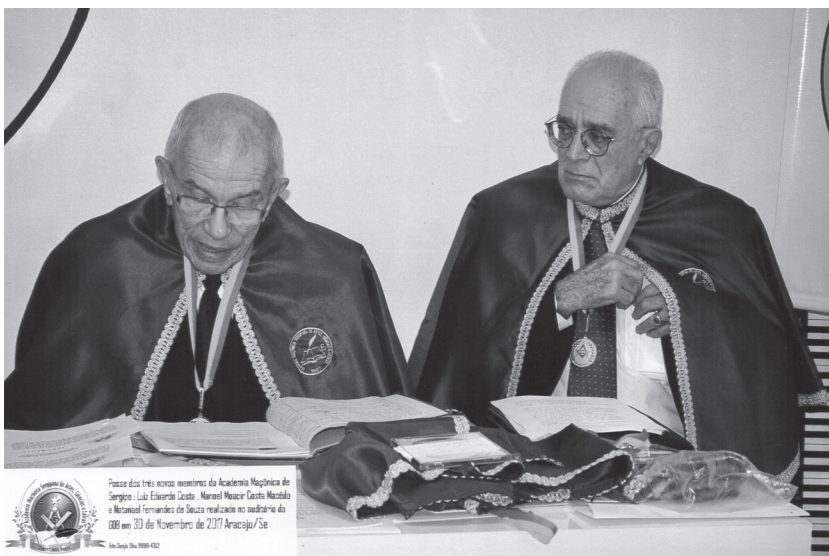
Na mesa, a partir da esquerda: Dr. José Geraldo Dantas Bezerra; professor Antônio Fontes Freitas, vice presidente da Academia; Domingos Ferreira Viana, presidente da Academia; José Garcez Goes, secretário; e Cleiber Vieira Silva, orador.



Acadêmicos prestigiando a solenidade.



A partir da esquerda: Dr. Domingos Ferreira Viana, presidente do Sosalício; José Garcez Goes, secretário; e Cleiber Vieira Silva, orador.



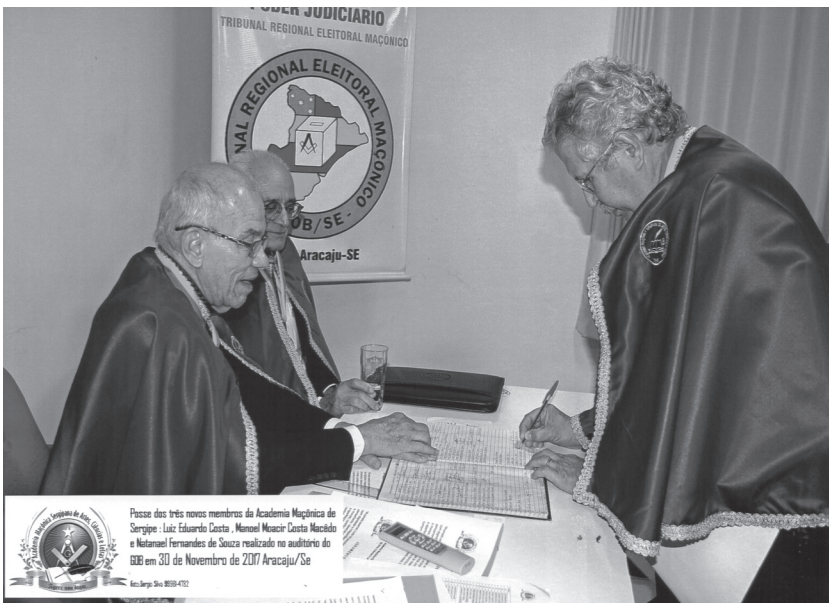
José Garcez Goes, secretário; e Cleiber Vieira Silva, orador.



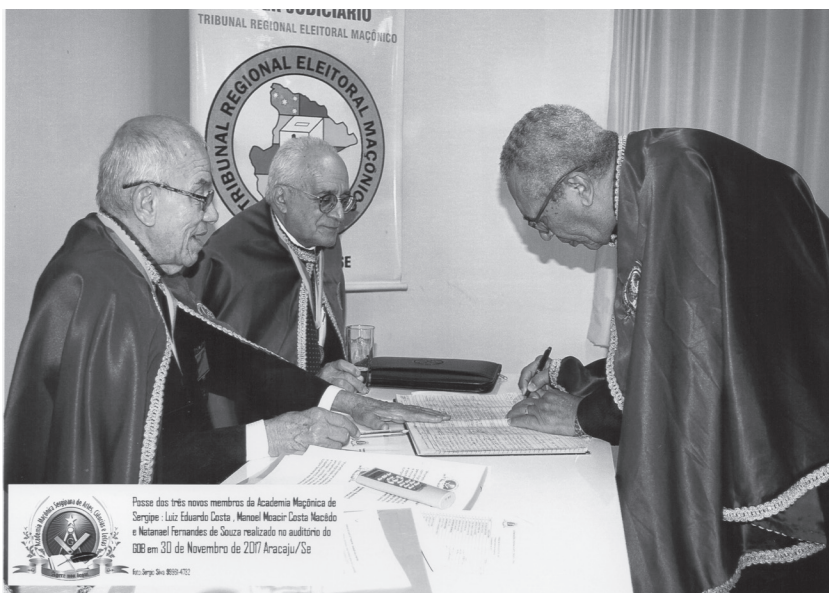
Novel acadêmico Luiz Eduardo Costa assinando o livro de posse.



Juramento dos novêis acadêmicos.



Novel acadêmico Manoel Moacir Costa Macêdo assinando o livro de posse.



Novel acadêmico Natanael Fernandes de Souza assinando o livro de posse.



Orador Cleiber Vieira Silva discursando.



Orador cumprimentando o novel acadêmico Luiz Eduardo Costa.



Orador Cleiber Vieira Silva ao lado do novel acadêmico Luiz Eduardo Costa, que apresenta o diploma de posse.



Acadêmico Luiz Eduardo Costa fazendo uso da palavra.



Orador Cleiber Vieira Silva e os novéis acadêmicos.



Grupo de acadêmicos presente ao ato de posse dos novéis acadêmicos.



A partir da esquerda: Natanael Fernandes de Souza, já empossado, José Garcez Goes, Domingos Ferreira Viana, e Cleiber Vieira Silva.



A partir da esquerda: Cleiber Vieira; João Lover, poeta; e Domingos Ferreira Viana.

Qualquer ação por direitos autorais ou ação judicial decorrente dos textos existentes no livro impresso será respondida unicamente pelo autor, sendo este totalmente responsável pelo conteúdo, estoque, comercialização e distribuição de sua obra, o que, desta forma, isenta a Gráfica de qualquer ônus sobre a referida publicação.

Edição : 2017
Impressão : Gráfica J. Andrade
Papel de miolo : Offset 75g/m² da Suzano
Papel de capa : Couchê Brilho 300g/m² da Suzano
Tipologia : Cambria